

# O coro da economia - Brasil maturidade

O cenário econômico do país é dos mais favoráveis, concordam os economistas na avaliação periódica que fazem nos boletins dos bancos distribuídos aos clientes. As prévias da inflação deste mês estão se comportando melhor do que era esperado, a taxa de câmbio mantém a tendência de valorização do real e a balança comercial dá sinais de recuperação. O forte fluxo de investimentos externos diretos – US\$ 4,9 bilhões entre janeiro e fevereiro – contribui para um ambiente tranquilo.

A decisão ontem do Federal Reserve Board (Fed), o banco central americano, de aumentar a taxa de juros básicos de 5,75% para 6%, conforme era previsto, não modificou as expectativas a respeito da reunião do Copom que se encerra hoje. As opiniões convergem para uma redução da Selic de 19% para 18,75%, mas há parcela de economistas que se divide entre a manutenção da taxa atual e um corte mais drástico para 18,5%.

Não faltam, no entanto, discussões sobre as incertezas geradas pelo aumento do salário mínimo e pelos preços administrados do petróleo. Mas nada que retire a convicção de que o governo conseguirá cumprir as metas fiscais deste ano acertadas com o FMI.

O céu só não está de brigadeiro por causa do cenário político. As preocupações recaem especialmente sobre a fraca popularidade do presidente Fernando Henrique Cardoso. Grandes bancos já começaram a promover reuniões dos seus principais estrategistas com analistas políticos.

O interesse em se antecipar às consequências que o sistema financeiro pode sofrer com eventual vitória da esquerda nas quatro principais prefeituras do país – Rio, São Paulo, Porto Alegre e Belo Horizonte – é grande.

Os departamentos econômicos dos bancos estão ressabiados com os resultados das últimas pesquisas de opinião. Embora a pesquisa trimestral da CNI/Ibope tenha apontado melhoria na avaliação do desempenho de Fernando Henrique, de 17% para 20%, entre novembro e fevereiro, o mercado preocupa-se com o que revelou a pesquisa mensal feita pelo CNT/Vox Populi. Em apenas um mês, a rejeição ao presidente cresceu de 43% para 49%.

A rejeição ao presidente, contudo, é minimizada. É vista como o termômetro que capta os desgastes com a fixação dos valores do teto salarial e do salário mínimo, a recessão, o desemprego e a percepção de algo falso na política econômica que conduziu à desvalorização cambial.

O humor do mercado financeiro, entretanto, não se abala com causas sociais. Ao contrário, não as vê com simpatia, porque gasto social se opõe a austeridade fiscal. Quanto mais forte for o governo no controle dos gastos, melhor para os ativos financeiros.

O mercado responde em coro ao ministro Pedro Malan: as eleições municipais, a curto prazo, podem trazer pequenas emoções, mas prevalecerão a maturidade e a racionalidade quando a eleição maior, de 2002, estiver em jogo. Para o mercado, condescendência com políticas sociais só depois de garantida a estabilidade econômica, capaz de melhorar o “risco Brasil” no exterior.